

Nosso acordo com os credores, ainda em banho-maria.

MOISÉS RABINOVICI, DE NOVA YORK.

Uma fonte das negociações da dívida brasileira afirmou ontem em Nova York que não se deve esperar um acordo para hoje nem para amanhã. "Ainda existem pontos de desacordo entre o Brasil e seus credores, e também entre os próprios credores", disse a fonte.

Um dos desacordos entre os credores é a data-base que vai prevalecer entre os bancos para o rateio do dinheiro novo a ser fornecido ao Brasil. "O percentual de cada banco varia em função do que venderam em papéis brasileiros. Os que não venderam querem que a data-base seja a do início do processo, 1983, porque daí não se estará premiando os que venderam, que querem que a data-base seja mais recente", explicou a mesma fonte.

O problema das garantias do Banco Mundial exigidas pelos credores japoneses recebeu sinais, em Washington, de que está sendo resolvido. Os sinais estão na disposição do Banco Mundial em aprovar o total de US\$ 1,1 bilhão até o final de junho, dividido entre os seguintes projetos: administração de portos, US\$ 20 milhões; setor de irrigação, US\$ 300 milhões; crédito agrícola, US\$ 300 milhões; distribuição de gás natural, US\$ 100 milhões; água e esgoto para municípios de baixa renda, US\$ 80 milhões; e agroindústria, US\$ 300 milhões.

Esses empréstimos, que vão ser apresentados à diretoria do Banco Mundial para uma aprovação praticamente certa, constituem o que está sendo chamado de "financiamento paralelo", permitindo que os bancos comerciais façam simultanea-

mente algum desembolso. Dois outros projetos setoriais, o elétrico e o agrícola, cada um de US\$ 500 milhões, já se enquadrariam no co-financiamento. Mas falta ainda saber se os credores japoneses aceitarão essa substituição às garantias que queriam.

Pequeno avanço

A fonte das negociações em Nova York contou ainda que a questão do vínculo entre o pacote de US\$ 5,2 bilhões e um programa com o FMI "avançou um pouco" na direção de uma solução, "mas continua na mesa, para discussão". Segundo a mesma fonte, a questão da penhora liminar "está na mesma", e foi curioso ler uma notícia sobre o final das negociações que não acabaram. "Alguém entendeu que tinha acabado", comentou.

Um jornal americano acabou anunciando o fim das negociações, ontem, trocando a matéria de seu repórter por um telegrama precipitado divulgado por uma agência de notícias. Rindo da confusão, um banqueiro disse: "Mesmo que seja anunciado um acordo hoje, ele não significará muito, enquanto não for aprovado pelos credores, no mundo todo. O que se vai anunciar é um projeto para o acordo. No pacote interino, no final do ano, quase se chegou a um rompimento, depois de tudo acertado, porque um banco do Kuwait não queria mais assiná-lo".

Para este banqueiro, "o Brasil está perdendo a importância junto a alguns de seus credores, numa tendência que pode

até se generalizar". "Alguns bancos estão reduzindo ao mínimo o seu 'território brasileiro'", conta ele.

"Estou sabendo que o American Express International Banking praticamente liquidou o seu time de Brasil. O Chemical, o Manufacturers Hanover, o Irving e o Marine Midland reduziram. Quem mantém os departamentos de Brasil está baixando o nível de seus funcionários, sem manter mais grandes cargos. Isto me faz pensar que o Brasil está perdendo o poder e pressão desde que os bancos criaram maiores reservas, no ano passado, impulsionados, principalmente, pela moratória brasileira", acrescentou o banqueiro.